

Humanae Vitae: a coragem de Paulo VI para se opor aos estereótipos culturais muito difundidos

Entrevista de Zenit a Ángel Rodríguez Luño, decano de teologia da PUSC, sobre o documento do Papa Paulo VI: “Embora a encíclica refira-se diretamente ao casamento, o que estava em jogo era a visão global da sexualidade”

25/07/2018

No dia 25 de julho de 1968, o Papa Paulo VI publicou a encíclica *Humanae Vitae* sobre a doutrina da Igreja em relação ao matrimônio, a abertura à vida, a contracepção e a paternidade e maternidade responsáveis. Tópicos que seguem gerando debate dentro e fora da Igreja. Para entender melhor os fundamentos teológicos desse documento, seu contexto histórico e suas implicações, ZENIT entrevistou o decano da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade da Santa Cruz em Roma, Ángel Rodríguez Luño.

ZENIT: Há quase 50 anos foi publicada a encíclica *Humanae*

Vitae. Qual o significado dessa publicação naquela época?

– Professor Rodríguez Luño: Paulo VI publicou a *Humanae vitae* dois meses depois dos acontecimentos de maio de 68, que provocaram, entre outras coisas, a “revolução sexual”. Existia uma forte pressão de alguns meios de comunicação social e os especialistas divulgavam previsões demográficas pessimistas e alarmistas, que a realidade negou mais tarde. Alguns ambientes eclesiais sofriam uma certa desorientação causada por interpretações abusivas do Concílio, e alguns dos participantes nos estudos preparativos da encíclica publicaram informes que não eram definitivos. Neste contexto Paulo VI, depois de longa reflexão, reafirmou a visão cristã da sexualidade, na qual o Criador uniu duas dimensões de significado e de valor, que a encíclica chama “significado unitivo” e

“significado procriativo”. Esta conexão não pode desarticular-se sem que sofram ambas dimensões, e não apenas a que se deseja excluir.

ZENIT: De um ponto de vista teológico, foi revolucionária? Em quais pontos?

– Professor Rodríguez Luño: Depende do que se entende por “revolucionária”. Substancialmente Paulo VI propõe novamente a visão antropológica e moral que Pio XI, em sua encíclica sobre o matrimônio, tinha considerado como “doutrina cristã ensinada desde o princípio e nunca modificada”. Neste sentido a *Humanae Vitae* não representa nenhuma evolução. Revolucionária é a valentia com a qual Paulo VI se opôs a uns estereótipos culturais então muito difundidos, que eram impostos, e que eram e continuam sendo nocivos para a vida das pessoas casadas e para a cultura

moral geral. Embora a encíclica refira-se diretamente ao matrimônio, o que estava em jogo era a visão global da sexualidade.

ZENIT: Para entender o contexto histórico. O que foi que levou o Papa Paulo VI a escrever esta encíclica? O que era necessário responder?

– Professor Rodríguez Luño: Acho que a delicadeza do problema e a complexidade do contexto levaram Paulo VI, estando ainda aberto o Concílio, a ocupar-se pessoalmente do estudo e da resolução desta questão. À luz da tradição moral da Igreja, ninguém podia duvidar que a contracepção é um comportamento intrinsecamente desordenado. Existia uma ideia, no imaginário coletivo, de que a anticoncepção consistia em manipular de alguma forma a realização da relação conjugal. Como a pílula anovulatória

(que, como tal, quase não existe mais hoje, porque a maioria dos remédios contraceptivos também têm outros efeitos, além do anovulatório) não altera a relação conjugal, alguns se perguntaram se a sua utilização deveria ser sempre considerada como um pecado de contracepção. A questão não era, portanto, se a contracepção é pecado ou não, mas se o uso esponsal da pílula anovulatória é ou não anticoncepcional. Isto forçou a definir melhor a essência da contracepção, que Paulo VI refere-se quando escreveu: “exclui-se também toda ação que, ou em previsão do ato conjugal, ou na sua realização, ou no desenvolvimento das suas consequências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação”. Para colocá-lo de forma gráfica: se descobrissemos que comer uma laranja antes da relação conjugal a fechasse para a transmissão da vida,

quem comesse a laranja propondo-se, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação cometaria o pecado de contracepção. Uso essa hipótese irreal para dar a entender onde está a contracepção, que não depende do fato de que o medicamento contraceptivo seja um produto artificial.

ZENIT: Você acha que na formação dos noivos falte um maior aprofundamento de alguns aspectos da Humanae Vitae?

– Professor Rodríguez Luño: Parece-me que, efetivamente, na formação que se dá aos noivos seria necessário estudar com profundidade e integridade a Humanae Vitae. Mas isso nos levaria longe. Limitar-me-ei a uma só coisa que a minha experiência confirma continuamente. Quando a encíclica de Paulo VI estava sendo preparada alguns diziam que a moral sexual

cristã acaba danificando o amor entre o homem e a mulher e a estabilidade do matrimônio. A experiência diz que hoje, em uma cultura na qual se difunde o recurso à contracepção e às relações pré-matrimoniais, os fracassos dos casais são cada vez mais numerosos, bem como também são mais numerosos os fenômenos de violência e de infidelidade. Certamente outras causas podem levar a estes fenômenos. Mas, continuo admirado porque muitos casais, que tiveram um longo período de noivado, às vezes excessivamente concentrado nos aspectos sexuais, depois de casar-se, descobrem que não se conheciam bem. Talvez pudessem ter conversado mais e se juntado menos, porque juntar-se nem sempre é comunicação e conhecimento. A maior parte das vezes, pelo contrário, impede detectar e corrigir o egoísmo próprio e o da outra parte.

ZENIT: Muitas das questões abordadas neste documento permanecem sendo forte foco de debate social: aborto, fecundação artificial... Com o passar do tempo é ainda maior a ‘oposição’ aos fundamentos teológicos da Igreja sobre estas questões?

– Professor Rodríguez Luño: Nossa cultura evoluiu da forma em que conhecemos. Denunciar as causas que fez com que as mudanças sociais tomassem esse rumo requereria uma reflexão muito interessante, mas também muito longa para esta entrevista. Não há dúvida de que, para alguns, também para alguns fieis católicos, é difícil entender alguns aspectos da moral cristã. Talvez seria necessário mais esforço para explica-la melhor e mais esforço para compreendê-la melhor. Mas, para mim, é muito significativo que a maioria dos fiéis praticantes considerem muito positivo o seu

próprio esforço por viver a moral cristã, embora ocasionalmente cometam erros.

ZENIT: Durante o Sínodo dos Bispos, seria possível esperar mudanças em algumas das questões levantadas nesta encíclica?

— Profesor Rodríguez Luño: Os Pastores querem resolver os problemas práticos mais urgentes para a família a partir da doutrina da Igreja. O Papa Francisco disse mais de uma vez que ele se considera antes de mais nada um filho da Igreja. Por isso, o núcleo essencial da *Humanae Vitae*, que como eu disse é um ensinamento proposto desde o começo e que nunca foi modificado, é a luz a partir da qual serão afrontados os problemas pastorais no Sínodo. Questões pastorais muito concretas, que se referem à sabedoria, misericórdia e prudência

cristãs com as quais se tratarão todas as situações que têm a ver com pessoas, poderão encontrar, ao longo do Sínodo, com a ajuda de Deus, respostas adequadas ao nosso tempo.

ZENIT: Por que esse tem sido um dos textos magisteriais mais discutidos das últimas décadas?

— Profesor Rodríguez Luño: Sem dúvida que este é um ponto difícil em que todos nós somos fracos, se não sabemos apoiar-nos na graça que Deus nos oferece. Por outra parte, a oposição da cultura dominante é forte, embora não nova. Como explicou em um livro maravilhoso Pierre Grelot, existia já um choque entre os ensinamentos do Gênesis sobre o matrimônio e o pensamento religioso da Mesopotâmia, Síria e Canaã. Estas religiões pagãs sacralizavam a sexualidade humana através de duas conhecidas vias: dos mitos e dos

ritos. Nos mitos, a divindade a divindade aparece como um conjunto de deuses e deusas, que vão em casais, e que nas suas histórias são os arquétipos dos vários aspectos da relação homem-mulher: fecundidade, amor-paixão, matrimônio. Estão presentes, sob nomes diversos, as figuras do deus-pai, da deusa mãe, da deusa-amante, etc. A concepção politeísta permite, em suma, a dissociação entre os aspectos essenciais da sexualidade: fecundidade, amor, matrimônio. Cada aspecto é sacralizado separadamente. Não há a integração em uma instituição como o matrimônio, condição exclusiva do amor e fecundidade moralmente bons. Os ritos (da fecundidade, da prostituição sagrada como culto da deusa amante, as hierogamias, etc.) também desempenham a mesma dissociação no plano das ações, através das quais os homens unem-se à divindade e participam da sua

capacidade de amar ou de serem fecundos. A dissociação das diferentes dimensões da sexualidade humana segue o paganismo e o neopaganismo como a sombra o corpo iluminado pelo sol. Em minha opinião, esta é a explicação última das dificuldades atuais, que são profundas, mas não intransponíveis. Vejo com esperança que entre as pessoas jovens que praticam a sua fé cristã estas questões entendam-se melhor do que entre os da minha geração.

- Texto original em [Zenit](#)
- Ler a encíclica *Humanae Vitae* aqui.

Ángel Rodríguez Luño

Zenit

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/50-anos-
humanae-vitae-coragem-paulo-vi-opor-
estereotipos-culturais-difundidos/](https://opusdei.org/pt-pt/article/50-anos-humanae-vitae-coragem-paulo-vi-opor-estereotipos-culturais-difundidos/)
(25/02/2026)